

Imagens e invenções

Descobrimiento ou encontro, comemoração ou lembrança? A Universidade

JOSÉ PEDRO MARTINS

Qual o sentido das atividades relacionadas aos 500 anos de presença européia no Brasil? Quais as marcas deixadas ao longo da história na visão dominante sobre a nação brasileira? A chegada da esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, a 22 de abril de 1500, foi enfim um descobrimento ou um encontro de raças e culturas, como oficialmente o episódio é celebrado hoje? A lembrança desses cinco séculos, afinal, é motivo de comemoração ou de séria reflexão sobre a trajetória do Brasil, como base para um real projeto de arquitetura de um País digno e justo?

Estas foram algumas das indagações que o Ciclo de Palestras Brasil 500: Imagens e Invenções procurou responder ou, melhor ainda, formular em novas perspectivas. Promovido pela Comissão Unicamp – Brasil 500 Anos e pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), o Ciclo reuniu especialistas da própria Universidade e de outras instituições, com trabalhos importantes para permitir um painel pluridisciplinar sobre o que tem significado o processo de construção do Brasil.

O Ciclo foi desenvolvido nos dias 14 e 15 de abril, no auditório da sede do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), na avenida Barão de Itapura, próximo ao centro da cidade. Como notou na abertura do encontro o diretor do IFCH e coordenador do Ciclo, Paulo Miceli, no propósito em realizar o evento na região central, fora da Universidade, era exatamente o de propiciar um maior contato da população com as múltiplas discussões que o elenco de ações relacionadas aos 500 anos de Brasil provocou na comunidade acadêmica em geral e na Unicamp em particular.

Um olhar diferenciado sobre a comemoração oficial dos 500 anos do chamado Descobrimiento do Brasil foi o centro da palestra de Janice Theodoro, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. O núcleo da conferência “Sentido dos Descobrimientos” foi a reflexão sobre o dilema provocado pelas atitudes opostas que se pode ter em relação aos 500 anos de presença européia no Brasil.

De um lado, celebrar o chamado Descobrimiento seria, na sua opinião, louvar o genocídio contra os povos indígenas e os negros. De outro, simplesmente negar a importância do evento seria negar a própria existência de um povo brasileiro. Janice destacou, em contrapartida, que comemorar, etimologicamente, significa lembrar junto (“co-memorare”) e, sob este prisma, seria fundamental lembrar para entender o que de fato tem acontecido com o Brasil e com a sua gente nestes 500 anos.

Na sua opinião, uma chave para se tentar equacionar o impasse motivado pelas múltiplas visões a respeito do chamado Descobrimiento é estabelecer novos critérios para se avaliar quais foram os efeitos dos contatos recíprocos, em grande parte dolorosos, entre as culturas de brancos, índios e negros ao longo dos últimos séculos no Brasil. A pergunta central para Janice Theodoro é se uma cultura pode ser avaliada por uma percepção meramente econômica ou pelo que ela representa de “acervo cognitivo”.

Se o critério for o econômico, ressalta a professora da USP, seriam considerados indicadores como renda *per capita* na avaliação do acervo de uma determinada cultura. Por outra parte, se o critério for o da verificação das formas institucionais de organização da sociedade relacionada a essa cultura, o resultado da avaliação pode ser outro.

Tomado o critério de “acervo cognitivo”, a palestrante considera que as sociedades pré-colombianas, no México ou no Brasil, resolveram problemas fundamentais que a sociedade moderna, branca e ocidental, ainda não equacionou. Aquelas sociedades,

ressaltou, estabeleceram padrões de relacionamento entre os homens e entre eles e o meio ambiente muito interessantes.

Um ingrediente que Janice considera muito importante para a análise do acervo cultural de uma sociedade diz respeito a como ela resolve por exemplo o problema do abastecimento. Ela observa que, no Vale do México, no momento das grandes celebrações rituais, as cidades recebiam milhares de pessoas e não havia falta de comida. Os conflitos eram muito baixos. Da mesma forma, nota que em Canudos os seguidores de Antônio Conselheiro, considerado um monstro pela elite brasileira da época, resolveram igualmente o problema da alimentação de modo mais ou menos adequado.

Pelo prisma da avaliação do acervo cognitivo, Janice Theodoro acredita que é possível reafirmar o orgulho de se carregar um determinado patrimônio cultural. No caso brasileiro, a consideração do acervo cognitivo leva à afirmação da beleza da diversidade cultural típica do País.

A pesquisadora entende que, no atual cenário da globalização, a questão cultural tem-se tornado cada vez mais importante para os povos, na medida em que a falência dos Estados nacionais reforça a reflexão sobre o sentido das identidades. É por este motivo que entende que a rebelião em Chiapas, no México, desperta tanta curiosidade, pois o que está em jogo é a nova forma de relação de poder e construção da cidadania, aspectos ligados ao acervo cognitivo de uma sociedade. Vale lembrar, observou, que o líder mais conhecido de Chiapas é o Sub-comandante, e não Comandante, Marcos, o que já indica uma subversão da visão do poder político.

Por não considerar o aspecto cultural, do acervo cognitivo, do contato entre brancos, negros e índios, é que o elenco de ações oficiais relacionadas aos 500 anos do Brasil despertou tão pouca atenção, acredita Janice Theodoro. O momento de falência dos Estados nacionais, acrescenta ela, não favorece esse tipo de evento, que parece pertencer muito mais ao narciso do etnocentrismo europeu.



BLAEU, Willem. Janszoon (1571 - 1638). Novus Brasiliae Typus. 1638



Miceli e Regina Beatriz: “cobrimento” e civilização



UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Reitor Hermano Tavares. Vice-reitor Fernando Galembeck. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Luís Carlos Guedes Pinto. Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Roberto Teixeira Mendes. Pró-reitor de Pesquisa Ivan Emílio Chambouleyron. Pró-reitor de Pós-Graduação José Cláudio Geromel. Pró-reitor de Graduação Angelo Luiz Cortelazzo.

Jornal da Unicamp Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 788-7865, 788-7183, 788-8404. **Fax** (0xx19) 289-3848. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@obelix.unicamp.br. **Editor** Marcelo Burgos. **Subeditor** Luiz Sugimoto. **Redatores** Antônio Roberto Fava, Célia Piglione, Isabel Cristina Gardenal de Arruda Amaral, Nadir Antônia Platano Peinado, Raquel do Carmo Santos e Roberto Costa. **Fotografia** Antoninho Marmo Perri. **Consultoria de Projeto Gráfico** Gabriela Favre. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Roberto Costa, Dário Mendes Crispim, Hélio Costa Júnior e Oséas de Magalhães. **Serviços Técnicos** Clara Eli de Mello, Dulcinéia Aparecida B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Fotolito e Impressão** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

de um país

discute a construção de um país a partir da visão de estudiosos

Estereótipos e preconceito – Um dos efeitos do etnocentrismo europeu na colonização do Brasil foi a fabricação do estereótipo de exotismo em relação ao País e ao seu povo. Esse estereótipo, fonte de tantos pré-conceitos, continua sendo perpetuado pela maior parte dos meios de comunicação internacionais, e mesmo brasileiros, e tem sido historicamente manipulado como forma de ocultar o caráter essencialmente perverso do processo de colonização e que ainda deixa marcas profundas na forma injusta de estruturação da sociedade brasileira. Este foi o tom de duas outras palestras do Ciclo Brasil 500: Imagens e Invenções.

O título da palestra de Paulo Miceli, "Imagens do Cobrimento do Brasil", já aponta o sentido de mascaramento da realidade possibilitado pelo estereótipo do exotismo. Essa realidade maquiada, edulcorada, passou a ser construída, em sua opinião, no momento em que os portugueses se aventuraram pelos mares desconhecidos no século 15.

Na época, lembrou Miceli, o planeta era constituído por mundos que se ignoravam. O desconhecimento sobre os outros mundos era fonte das mais diversas lendas e visões delirantes a respeito do que era diferente e novo. O que os navegadores enfrentavam, acima de tudo, eram o desconhecimento geográfico e os seus próprios temores, fruto da ignorância.

Os primeiros documentos a respeito da nova colônia portuguesa confirmam a percepção de exotismo sobre as novas terras e o seu povo. O famoso e belo Mapa de Cantino, de 1502, por exemplo, inclui três araras vermelhas na altura da região Nordeste, além de detalhes da flora brasileira e de uma longa descrição do "achamento" das novas terras, acontecido dois anos antes. Não por acaso, durante muito tempo o Brasil também foi conhecido na Europa como a Terra dos Papagaios.



A visão distorcida das novas terras e de sua gente duraria ainda muito tempo, em grande parte em função do caráter da colonização portuguesa, que se fixou basicamente na área do litoral e suas proximidades. O interior era a terra incógnita, dando margem a interpretações várias. O mapa de Diogo Homem, de 1558, faz referência aos antropófagos e "patagões" (homens com pés gigantes) no Sul do Brasil.

Os interesses geopolíticos também influenciavam na confecção dos mapas, contribuindo para distorcer a imagem do Brasil. Um mapa de João Teixeira Albernaz, de 1666, mostra a região do rio da Prata, que na realidade pertenceria à Espanha, do lado português garantido pelo Tratado de Tordesilhas.

O mesmo padrão de distorção da realidade aparece nos textos sobre o período colonial. No *Gran Nouvel Atlas de La Mer*, de 1680, de Johanen van Keulen, os brasileiros são descritos como pessoas "em sua maior parte cruéis, selvagens e devoradoras de homens", uma nítida contradição ao bom selvagem tão cultuado na Europa por intelectuais como Rousseau.

Leandro Karnal: rituais em massa com índios promoviam catequização de corpos, mas não de almas



Da mesma forma, ainda em 1764, no seu *Petit Atlas Maritime*, editado em Paris, Jacques Nicholas Bellin informa que "os brasileiros são cruéis, vingativos e muito coléricos, ousados até à temeridade. Os que habitam o interior do País são brutais, bravios e antropófagos, muitos deles são feiticeiros".

Para Paulo Miceli, 500 anos ainda não foram suficientes para derrubar essa imagem de um País exótico, selvagem, com uma bela natureza, mas às vezes monstruoso, bem diferente da civilização européia. "São estereótipos que atravessam séculos, e que ainda permanecem", lamenta. O diretor do IFCH considera, então, um enorme desafio o real descobrimento do que é o Brasil, para combater o cobrimento que tem marcado os 500 anos de leitura de sua história.

Uma demonstração cristalina de que como a visão distorcida do Brasil permanece foi apresentada no Ciclo por Regina Beatriz Guimarães Neto, professora da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), em sua palestra "Em busca de fronteiras: imagens da conquista no movimento de territorialização da Amazônia". Ela mostrou alguns dos resultados de sua pesquisa no Norte do Mato Grosso, onde nos últimos anos aconteceu uma enorme proliferação de novos municípios, em uma das chama-

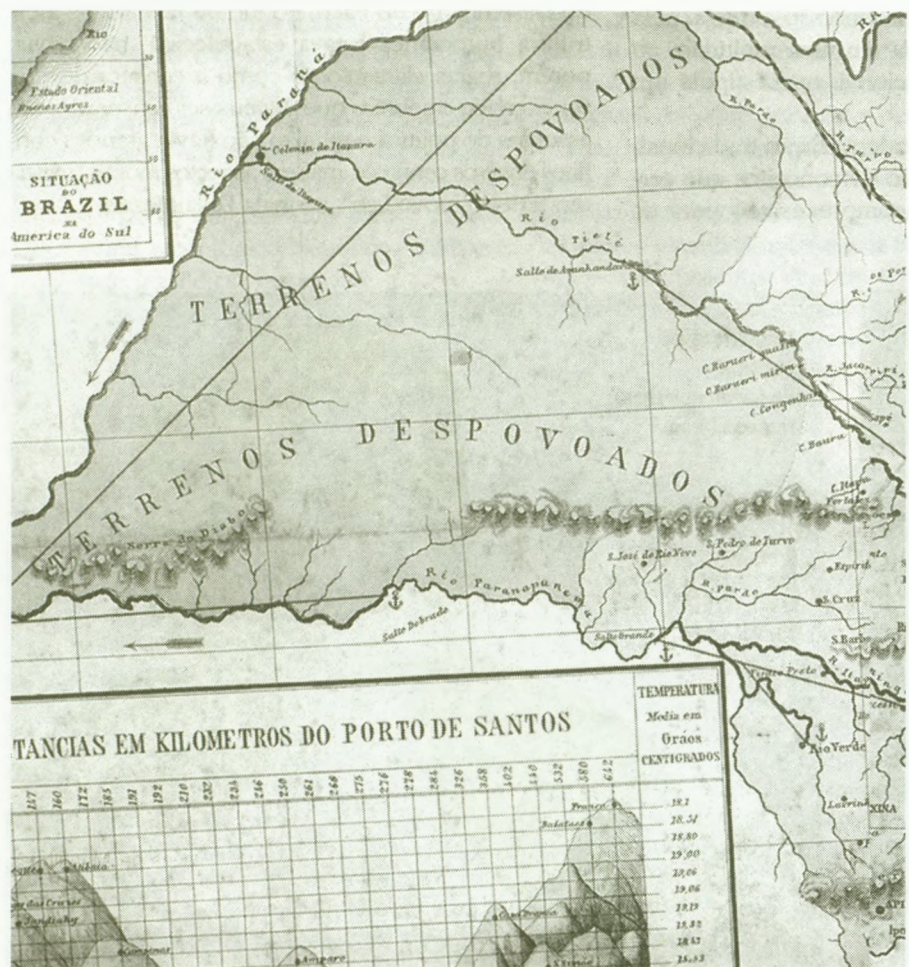
das novas frentes de colonização.

A professora da UFMT defendeu que os interesses das grandes empresas colonizadoras, em sua maioria de São Paulo, têm apresentado a região como a nova Terra Prometida, o paraíso selvagem que necessita de "civilização" para progredir. Isto pode ser verificado pelos nomes dos novos municípios, como Nova Canaã, Novo Horizonte, Alô Brasil, que refletem a visão paradisíaca propagandeada pelas colonizadoras.

Entretanto, a fórmula de civilização defendida por essas empresas, lamenta Regina Beatriz, é a da substituição do verde das florestas pelo verde das grandes plantações, principalmente de soja. No lugar do Paraíso Perdido, o que os migrantes atraídos pela propaganda encontram nessas localidades é uma estrutura social das mais injustas, marcada por enormes índices de violência, em especial nas áreas de garimpo.

A professora da UFMT assinala que essas novas fronteiras de colonização estão inseridas no contexto dos interesses geopolíticos construídos no regime militar de 1964 e 1984 e que ainda permanecem na Nova República. As comunidades indígenas, ainda expressivas na região, como no caso dos Cinta-Larga, estão sofrendo de maneira especial com a noção de "progresso" em curso nessas novas fronteiras.

Entretanto, as cidades erguidas no meio da floresta também já sofrem impactos da degradação semelhantes aos das grandes áreas urbanas do Sudeste e Sul do Brasil. Muitas dessas localidades ficam cobertas, por exemplo, com a fumaça resultante da queima dos resíduos das grandes madeireiras que estão se instalando e agindo a todo vapor no Norte do Mato Grosso. Para Regina Beatriz, a modificação dessa noção distorcida de desenvolvimento depende de uma radical mudança de parâmetros da sociedade brasileira para ver a sua própria realidade.



Fontes de pesquisa – Documentos sobre a censura e a catequese são excelentes fontes de pesquisa para a redescoberta do Brasil. Mas também existem outros mananciais riquíssimos, que começam a ser melhor inventariados e analisados. São os casos das correspondências mantidas entre o Brasil e a Europa no período colonial, dos relatos dos viajantes e aventureiros estrangeiros de passagem pelo País e da própria literatura, uma fonte cada vez maior de idéias e de linhas de estudo para aqueles interessados em recontar a história do País. Amostras desse arsenal de novas fontes de pesquisa foram dadas nas outras três palestras do Ciclo Brasil 500: Imagens e Invenções.

Uma visão singular da antropofagia no Brasil é o que permite, neste cenário, a leitura de textos como o relato do aventureiro Hans Staden. O relato foi o tema da palestra de Guilherme Amaral Luz, aluno do IFCH-Unicamp: “O cativo do desconhecido: o testemunho de Hans Staden sobre a antropofagia dos Tupinambás”.

Amaral Luz nota que, diferentemente da maioria dos relatos de antropofagia na América Portuguesa no século XVI, o de Hans Staden não é o de um cosmógrafo, colono, missionário ou teólogo, mas de “um aventureiro que se tornou prisioneiro entre índios canibais, passando pelos temores de se tornar vítima de festim antropofágico”.

Sua justificativa principal para a redação e publicação do relato, nota o palestrante, era eminentemente devota. Protestante, o humilde autor, nascido às margens do rio Efze em Hesse-Nassau, na Prússia, afirma ser o seu relato um agradecimento a Deus por tê-lo salvado das mãos sangrentas dos nativos da costa de São Vicente, servindo como testemunho da fé. Apesar de sua aparente despretensão “científica” ou “cosmográfica”, Amaral Luz salienta que “a veracidade da obra não deixou de ser legitimada pelos meios universitários da época, como atesta seu prefácio redigido pelo anatomista Johann Eichmann, que afirma a possibilidade de seu uso para a ampliação do conhecimento do mundo e de seus fenômenos”.

A obra de Hans Staden ficou praticamente no anonimato no Brasil durante séculos. O interesse sobre esse tipo de relato é muito recente mas, na avaliação de Amaral Luz, fundamental como meio de construir um painel mais completo sobre como tem sido a leitura sobre o Brasil e seu povo pelo estrangeiro, sobretudo europeu.

Do mesmo modo, cresce a importância da análise das correspondências entre metrópole e colônia. Isto ficou demonstrado pela palestra “Correspondência jesuítica”, de Alcir Pécora, professor do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

Pécora frisa que a correspondência jesuítica tem sido tratada como fonte documental direta dos acontecimentos dos primeiros tempos da colonização. Contudo, em sua palestra o especialista mostrou que a correspondência dos jesuítas radicados no Brasil seguia padrões e normas muito bem enraizadas na tradição literária da época, além de seguir às determinações específicas de sua ordem religiosa. Seria importante entender os mecanismos presentes na formulação dessas correspondências para compreender o que elas estavam de fato dizendo.

A importância da análise da produção literária para

se entender melhor o que tem sido a história brasileira foi, do mesmo modo, tema central da palestra de Geraldo Mártires Coelho, diretor do Arquivo do Público do Pará, que falou sobre “Natureza versus cultura: a idéia de civilização em *A Selva*, de Ferreira de Castro”.

Coelho comentou o livro *A Selva*, escrito pelo português Ferreira de Castro e que reúne impressões do autor quando ele viveu no Pará, entre 1911 e 1918. Para o diretor do Arquivo Público do Pará, o olhar do escritor funciona, tratando-se da Amazônia da borracha, no começo do século XX, como um “documento” da sociedade extrativista.

No geral, a abordagem de *A Selva* contrasta com a visão idílica, idealizada, que o europeu tem normalmente em relação à floresta amazônica. Pelo contrário, no livro publicado inicialmente em Portugal, a Amazônia é o cenário de uma natureza hostil, de chuvas torrenciais e febres tropicais intermitentes, além de ser o lugar de relações sociais muito cruéis, distantes das conquistas éticas tão proclamadas pelo humanismo europeu e tão pouco praticadas por seus descendentes americanos.

De forma muito simbólica para Mártires Coelho, o enredo de *A Selva* termina com um grande incêndio no seringal, que era fonte de tanta exploração do ser humano. O fogo do incêndio, significando o fim daquele regime de exploração, seria a luz no interior da floresta, iluminando a possibilidade de um novo começo, apontando para a reconciliação entre os seres humanos entre si e entre eles e a natureza. Não é este, exatamente, o sentido da busca do povo brasileiro pela redescoberta e, por que não, pela invenção de um País digno e justo, a partir da construção de imagens fiéis à sua realidade e às suas aspirações?

Releituras necessárias – A releitura da realidade brasileira e de sua história será possível quando se entender com maior profundidade os mecanismos que tornaram viáveis a perpetuação das visões distorcidas sobre o País e seu povo. A catequese associada ao esforço de colonização e o exercício da censura, em especial no período da Inquisição, são duas frentes de pesquisa que podem ajudar a esclarecer a gênese daqueles mecanismos. Este foi o sentido de duas outras palestras do Ciclo realizado no IAC, em Campinas.

Uma interpretação do formato peculiar da catequese exercida no Brasil-Colônia foi feita por Leandro Karnal, do IFCH-Unicamp, na palestra “A conquista espiritual nos séculos XV e XVI”.

Karnal sublinhou que o momento das grandes navegações nos séculos XV e XVI coincidiu com o período em que era muito forte a crença entre os católicos sobre a proximidade do fim do mundo. Quando os europeus chegam à América, aportam assim com o interesse em uma catequização rápida dos índios, como meio de garantir a “salvação de suas almas”.

O resultado dessa inquietação foi, na opinião do professor do IFCH, a aplicação de uma espécie de catequese em massa no Brasil. Aconteciam batismos massivos dos índios por aspersão, ou seja, pela dispersão de gotas de água em uma multidão, ao contrário do batismo tradicional, que estipula um ritual individualizado.

Não houve, enfim, uma catequização tradicional, que depende da assimilação de conceitos que certamente eram em geral incompreensíveis para os

povos indígenas. “Era muito difícil para um índio compreender que existia um Deus caracterizado por três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo”, frisa o estudioso da Unicamp.

A consequência da catequese heterodoxa foi, para Karnal, que houvesse uma conversão em geral superficial dos povos indígenas. Os supostos convertidos poderiam dizer que eram cristãos católicos mas, na realidade, continuavam professando suas crenças e exercendo os seus próprios rituais.

Houve neste sentido uma catequização que implicou na adesão do corpo, e não da alma. O professor do IFCH entende que o brasileiro herdou essa postura, o que pode ser verificado por ocasião dos censos demográficos em que a maior parte da população se diz católica, “mas na prática não abre mão de suas crenças particulares”.

Como não houve adesão da alma, os indígenas não continuavam a frequentar as atividades mantidas pelos religiosos católicos durante o esforço de catequização. Eram desta maneira tratados como dispersivos, indolentes, inconstantes pelos catequizadores. Esta talvez seja a origem de outro dos estereótipos tecidos a respeito dos brasileiros ao longo dos últimos cinco séculos e que desafiam cada vez mais a comunidade acadêmica a um novo empenho de interpretação.

Outra frente vital de pesquisa, para se entender as distorções sobre a realidade brasileira, é a das engrenagens da censura durante o período colonial. Detalhes de como funcionava o mecanismo da censura em um período importante da história brasileira foram apresentados por Leila Mezan Algranti, do IFCH-Unicamp, em sua palestra “Censura de livros e de idéias no Brasil”.

O período enfocado pela pesquisadora é aquele situado entre o momento da chegada da Coroa Portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, até a eclosão da Revolução do Porto, em 1821, que vai determinar o fim da censura e da participação do Santo Ofício na avaliação do que podia ser ou não publicado em Portugal e em suas colônias ultramarinas.

Os documentos estudados por Leila Mezan comprovam que houve uma grande preocupação com o controle da circulação de livros no Brasil. Não importava, segundo ela, a condição social do destinatário dos livros. Todos os compradores de livros tinham de submeter seus pedidos aos canais de censura, que por ocasião da chegada ao Brasil voltou a ser tripartite, ou seja, era exercida pelas autoridades civis, pelos representantes da Coroa e pelos órgãos da Inquisição. A censura em Portugal era tripartida, observa a pesquisadora, até o período do governo do Marquês de Pombal. Neste momento, em meados do século XVIII, foi criada a Real Mesa Censória, implicando em um certo abalo no poder do Santo Ofício. Quando D. Maria, a Louca, assumiu o trono e Pombal caiu em desgraça, a Real Mesa Censória foi extinta.

No período da presença de D. João VI no Brasil, a partir de 1808, o principal organismo censor foi a Mesa do Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro. Se a estrutura burocrática estava estabelecida, não havia, porém, regras claras sobre como a censura deveria ser exercida e sobre o que deveria ser censurado. Em assuntos de política e religião não havia grandes conflitos entre os censores, mas em aspectos morais “existia um terreno movediço”, assinala Leila Mezan.



PESQUISA
PESQUISA

Pobre rica classe média

Na massa intermediária está quase metade da renda do país, diz estudo

PAULO CÉSAR DO NASCIMENTO

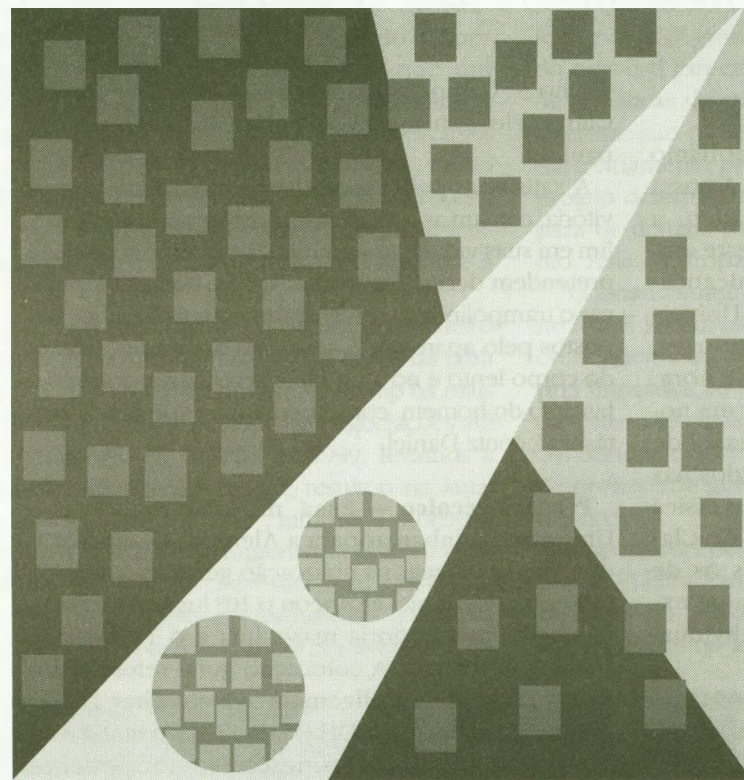
Alguém no Brasil que tenha uma renda mensal de pelo menos R\$ 2.000,00 pode ser considerado rico? A resposta é sim, de acordo com estudo realizado pelo professor do Instituto de Economia da Unicamp, Rodolfo Hoffmann. Mas os resultados da pesquisa "Distribuição da Renda no Brasil: poucos com muito e muitos com muito pouco" revelam surpresa maior ao demonstrar que pessoas com aquela renda integram o privilegiado grupo dos 10% mais ricos do país, o que não é pouco: trata-se de mais de seis milhões de brasileiros e não – ao contrário do que se imagina – de algumas dezenas de milionários freqüentemente expostos aos refletores e ao *glamour* da mídia.

Embora o assunto possa parecer esgotado – afinal, ainda que não seja mazela exclusiva do Brasil, é notória a injusta distribuição de renda no país – a análise do professor Hoffmann tem o mérito de abordá-lo de maneira inovadora. A partir de estatísticas recentes e confiáveis, ele apresenta números que não só corroboram a grande desigualdade da distribuição da renda nacional, mas, principalmente, enfatizam de forma clara e atualizada os diferentes níveis de renda da população economicamente ativa.

Para estudar as características da distribuição da renda no Brasil, Hoffmann utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE em 1998 e que encontrou no país (exceto nas áreas rurais dos Estados de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, não cobertas pela pesquisa) quase 77 milhões de pessoas economicamente ativas. Na análise, porém, ele restringiu-se aos cerca de 61,6 milhões de pessoas economicamente ativas com rendimento positivo, já que nada menos que 18,6% do total coberto pela PNAD tinha rendimento igual a zero, ou seja, era constituído de pessoas sem remuneração, incluídos nessa categoria os membros não remunerados das famílias dos pequenos agricultores, onde o resultado do trabalho familiar é declarado como rendimento do chefe. Após fazer uma correção para compensar a subdeclaração, o rendimento médio da-



Hoffmann: categorias revistas



quelas 61,6 milhões de pessoas é cerca de R\$ 950,00.

Classe média? – Mesmo ponderando que a principal limitação dos dados é, certamente, a subdeclaração das rendas elevadas, Hoffmann chegou a números que, no mínimo, convidam a uma reflexão acerca de critérios e rótulos convencionalmente aplicados para se definir categorias sócio-econômicas no Brasil a partir da renda – utilizados mais pela força do hábito do que propriamente embasados em dados científicos. O contingente populacional que no país se convencionou chamar de classe média, por exemplo, à luz do trabalho do professor da Unicamp está equivocadamente posicionado no cenário da distribuição da renda nacional.

"Analisando-se o rendimento das pessoas economicamente ativas, percebe-se que cada uma das pessoas que estão entre os 10% mais ricos ganham pelo menos R\$ 2.000,00. São, portanto, pessoas relativamente ricas para a distribuição da renda no Brasil, mas que costumam se considerar pobres. Quando muito a pessoa admite pertencer à classe mé-

dia", observa Hoffmann. "O estudo revela, contudo, que não se pode considerar integrante de uma massa intermediária da população um contingente que se apropria de quase a metade de toda a renda nacional", pondera.

Ignorar a extensão territorial brasileira e as enormes diferenças sócio-econômicas entre as regiões contribui para agravar a falta de idéias corretas sobre a distribuição de renda. "Não se pode esquecer que a região Nordeste, com 29% da população analisada, tem 52% do total de pessoas pobres e 54,6% da insuficiência de renda, e exibe medidas de pobreza cujo valor está próximo do dobro do observado para o país como um todo", salienta Hoffmann.

Contradições - Ele acrescenta que, discutir questões polêmicas como a taxação de riquezas e a redistribuição de renda, sem a percepção de aspectos como os abordados em seu trabalho – e aqui Hoffmann vê uma importante con-

tribuição de seu estudo – leva a sérias contradições. "Os 10% mais ricos têm cerca de 47,2% da renda total, o que significa que sua renda média é 4,72 vezes maior do que a média geral, ou cerca de R\$ 4.500,00. Contudo, pessoas com rendimento dessa ordem de grandeza, quando discutem a cobrança de impostos e afirmam que se deveria aumentar a taxação de riquezas, consideram que ricos são pessoas com rendimento substancialmente superiores aos seus próprios", argumenta. "Contudo, o estudo revela que, na verdade, elas é que teriam de ser taxadas."

Para Hoffmann, taxar somente os 1% mais ricos do país – algo em torno de 600 mil pessoas da população economicamente ativa – com o objetivo de redistribuição da renda resultaria em transferência de uma fração muito pequena da renda total. "Ou seja, se o desejo for, de fato, redistribuir renda, a medida só trará resultados reais se atingir a parcela da população que hoje se considera classe média."

Ele acha válidas, porém insuficientes, para a melhor distribuição, iniciativas como o programa de renda mínima. "É um programa que merece ser ampliado, porque proporciona algum tipo de renda a quem tem muito pouco, além de promover a freqüência das crianças às escolas. Mas a distribuição da renda no Brasil não será alterada com uma única medida. Tem que ser uma preocupação constante e presente em todas as decisões políticas e econômicas."

SORTE CERTA! AZAR DE QUEM NÃO TEM.

Não perca tempo.
Adquira seu carro novo ou usado.
Todas as marcas e modelos.

Seguro desemprego! Quebra de garantia!
Lance facilitado!

E mais:

SORTE CERTA NO 5º, 10º E 15º SORTEIOS.
NESTES MESES, SE VOCÊ FOR CONTEMPLADO POR
SORTEIO, SEU CARRO SAI TOTALMENTE QUITADO.

LIGUE E DESCUBRA OUTRAS VANTAGENS:

FONES (0xx19) 3873-5296 e 3873-5944

Desfile de anões

Em seu estudo, Hoffmann faz uma referência a uma consagrada passagem do livro *Income distribution: facts, theories, policies* do economista holandês Jan Pen, em que ele, para descrever a distribuição de renda na Inglaterra, imaginou um desfile de pessoas ordenadas conforme valores crescentes da renda e admitiu que, num passe de mágica, as pessoas ficassem com altura proporcional à sua renda, de maneira que a altura média correspondesse à pessoa com renda média.

Hoffmann emprestou a idéia de seu colega europeu e imaginou um desfile semelhante, com uma grande amostra de pessoas representando a distribuição da renda na população economicamente ativa brasileira, admitindo que todo o desfile, do mais pobre ao mais rico, iria durar 100 minutos.

Nesse exemplo, ao final de 10 minutos de desfile, estaria passando uma pessoa com altura incrivelmente baixa. Ao final de 25 minutos ainda estariam passando pessoas com

altura igual a um quarto da média. No meio do desfile, isto é, após 50 minutos, estariam passando anões com altura igual à metade da média. Só quando já tivessem passado três quartos do desfile é que seriam observadas pessoas com altura média, representando a renda média.

No início dos últimos dez minutos desfilariam gigantes com altura igual a 2,1 vezes a média. No início do último minuto passaria uma pessoa com altura maior do que oito vezes a altura média. De acordo com dados da PNAD estudada, o desfile terminaria com uma pessoa cuja altura seria 122 vezes a média.

"Devido à forte assimetria positiva da distribuição de renda, há muito mais pessoas com renda abaixo da média do que acima da média", esclarece Hoffmann. Assim, quem assiste ao desfile imaginado por Pen vê, durante a maior parte do tempo, a passagem de anões. Por isso, Pen afirmou que essa é uma parada de anões, e apenas alguns gigantes.

Saltos para a Alemanha

A Unitramp consegue resultados excelentes no Campeonato Internacional Universitário de Trampolim Acrobático de Hannover

NADIR PEINADO

Como qualquer esporte, o trampolismo acrobático exige garra e dedicação. A nossa equipe de Trampolinismo acrobático, a Unitramp, tem isso muito claro. Prova deste empenho foram os resultados memoráveis alcançados no último Campeonato Internacional Universitário de Trampolim Acrobático de Hannover, para o qual foram convidados de última hora. Afinal de contas, eles decidiram participar em novembro, e a competição aconteceu no dia 22 de janeiro. Mas os treinos intensivos, realizados nas instalações do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da Unesp, em Rio Claro, que tem equipamentos equivalentes aos de campeonatos internacionais, deram à equipe excelentes resultados, tanto na categoria individual como em equipe.

Ciente dos concorrentes alemães, campeões na modalidade de trampolinismo acrobático, a equipe formada por cinco estudantes da Universidade, Patrícia Mamede e Letícia Castiglia, ambas alunas do Instituto de Artes, Claudia Vasconcellos, aluna da Faculdade de Engenharia de Alimentos, Ana Paula Sato, aluna da Faculdade de Educação Física, iniciantes na modalidade, e Daniel de Brito Mota, técnico de trampolinismo do projeto de extensão Unitramp, desde 1997, dedicou-se com especial afinco aos treinos. Começaram em novembro com uma intensa rotina diária de nove horas de atividades e terminaram na primeira quinzena de janeiro último. Só houve descanso nas festividades do Natal e Ano Novo.

As quatro atletas iniciaram na modalidade em setembro do ano passado incentivadas por Daniel, que é estudante da área de recreação e lazer da FEF, com o objetivo de participarem do 5º Campeonato Paulista de Trampolim Acrobático (Cupta), realizado na USP. A experiência rendeu à Unitramp o primeiro lugar na categoria iniciante feminino individual, com a trampolinista Claudia, o primeiro lugar na categoria iniciante feminino por equipe, e a Daniel o segundo lugar na categoria individual masculino. Mas essa não foi sua melhor marca: em



Equipe da Unitramp: duas horas diárias e viagem ao exterior

97, no 3º Campeonato realizado na Unesp de Rio Claro, ele consagrou-se campeão universitário paulista.

A satisfação pelo esporte aumentou depois dessa vitória, contam as atletas. Elas incorporaram o trampolim em suas vidas e são unânimes em afirmar que não pretendem deixar o esporte. "Quem começa a praticar o trampolinismo sente prazer com os desafios impostos pelo aparelho. A sensação do tempo de voo, do corpo lento e no ar, e fazer acrobacias, que são o fascínio do homem, constituem uma experiência fantástica", conta Daniel.

Preparo técnico – Essa motivação levou a Unitramp a embarcar para a Alemanha, onde conquistou o 11º lugar na colocação geral na categoria por equipes. Daniel alcançou o 10º lugar na colocação geral na categoria masculina e o 1º lugar na colocação interna. A colocação geral refere-se ao ranking oficial da Allgemeiner Deutscher Hochschulsportverband – ADH (União Universitária Alemã de Esportes) e a classificação interna pertence ao ranking extra-oficial pela Universidade de Hannover e ADH, dos trampolinistas melhores colocados no campeonato que iniciaram a prática do esporte na universidade. Além do Brasil, participaram também do Campeonato Internacional Alemanha e Chechênia, totalizando 124 competidores.

A correria não foi apenas para alcançar o preparo técnico necessário, mas também o patrocínio que iria viabilizar a participação, incluindo viagem, uniformes e estadia. Nessa corrida, o coordenador geral da Unitramp Jorge Sergio Pérez Gallardo, docente da FEF, e o coordenador técnico Daniel, elaboraram o projeto de patrocínio. O empreendimento deu certo. Conseguiram recursos da Unicamp no valor de R\$ 2.740,00, possibilitando a compra de duas passagens aéreas, graças à redução em 50% no valor de todas as passagens pela Lufthansa Linhas Aéreas Alemãs, e o mesmo desconto foi dado pela empresa Fits All, que confeccionou os uniformes usados na competição.

O trampolinismo atualmente é exclusivo de poucos clubes e universidades, por ser um esporte ainda pouco explorado, e sua prática é voltada principalmente para o esporte demonstrativo, quadro que pode mudar em breve com a inclusão dessa modalidade de esporte na Olimpíada do ano 2000 em Sidney, Austrália. A partir daí, ele se tornará um esporte oficial e com perspectivas de obter mais atletas na prática dessa modalidade.

Com essa expectativa, a Unitramp pretende divulgar a atividade acrobática através da representação da Unicamp em eventos nacionais e internacionais. Estão agendados para participar em pelo menos quatro campeonatos e festivais de demonstração entre universitário paulista – que será realizado no segundo semestre desse ano na Universidade – Festivais de Ginástica da FEF, Campeonato Mundial e novamente o Internacional Universitário na Alemanha em 2001. Por isso estão investindo em equipes de treinamento de trampolinismo de iniciação, intermediário e de elite durante o ano.

A equipe realiza duas horas de treinamento diário, utilizando os aparelhos do setor de Ginástica da FEF, que consiste em um tablado de Ginástica Artística, dois minitrampolins, um duplo-mini, um trampolim acrobático, colchões de ginástica de diferentes tamanhos. A Unitramp é um projeto de extensão universitária do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral do Departamento de Educação Motora (GPGG-DEM), vinculado à Coordenadoria de Desenvolvimento e Esporte (Codesp) e coordenado pelo professor Jorge e pelo estudante Daniel.



EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO

Chegamos ao ensino global

LUIZ SUGIMOTO

Unicamp participa de projeto para levar conteúdo de ciências a escolas de todo o mundo

Sobra tempo para a educação

Um dos obstáculos a serem superados no ensino global é a língua, já que os conteúdos serão disseminados por países que adotam o inglês, o espanhol e o português. Uma saída é traduzir os conteúdos, como já se faz hoje com os livros, filmes, etc.

Outro obstáculo, de uma possível diferença no nível de ensino, inexistente, segundo Helio Waldman: "Afora o problema da língua, creio que a física que queremos ensinar aqui é a mesma que ensinam por lá. Poderiam afirmar que em história haveria diferença, mas mesmo nesta matéria o projeto teria seu valor, porque é importante expor a história do Brasil para os americanos e mostrar a história dos Estados Unidos aqui dentro".

O professor adverte para a necessidade de ampla discussão das mudanças institucionais que serão acarretadas pelo uso desses veículos a distância. Para ele, o chamado ensino global é tendência quase inevitável. "Hoje a pessoa tem uma grande quantidade de tempo livre, tanto nas sociedades desenvolvidas como no Brasil industrializado. Sobra tempo, em parte devido ao envelhecimento da população e também pela substituição dos homens por máquinas, notadamente a partir de 90, quando a metade dos empregos industriais no País deixou de existir. E este tempo será ocupado especialmente com educação".

Como será impossível trazer tanta gente para o campus, a educação globalizada ganha o propósito de estar em todos os lugares, em todas as épocas da vida. "Mas não se pode pensar que a simples existência da Internet satisfará essa demanda", alerta Waldman. Ele explica que não haverá programa totalmente automatizado e com qualidade suficiente para suprir as necessidades do aluno apenas com gravações ou textos enlatados.

A figura do professor, na visão de Waldman, manterá sua importância, tal como os programas educacionais, porque só assim o estudante poderá desenvolver sua aprendizagem no meio do oceano de informações. Num primeiro momento, as novas tecnologias irão apenas permear a educação presencial, mas o pesquisador admite: "O professor tradicional poderá ficar deslocado no processo. Na maioria das vezes, a orientação do professor será on-line, por e-mail, correio de voz e outros instrumentos de atendimento ao aluno. Daí a necessidade de treinamento."

The New York Times publicou - e o *Estadão* reproduziu - matéria sobre um projeto visando disseminar conteúdo didático para escolas de todo o mundo, permitindo, dentro de três anos, que um secundarista dos Estados Unidos estude a aula de química preparada por um professor do Rio de Janeiro. No projeto, que fará uso da Internet e de outras tecnologias, estão envolvidos a Universidade da Flórida, o Instituto Tecnológico de Monterey (México) e três instituições brasileiras: Fundação "Getúlio Vargas" de São Paulo, PUC do Rio e a Unicamp.

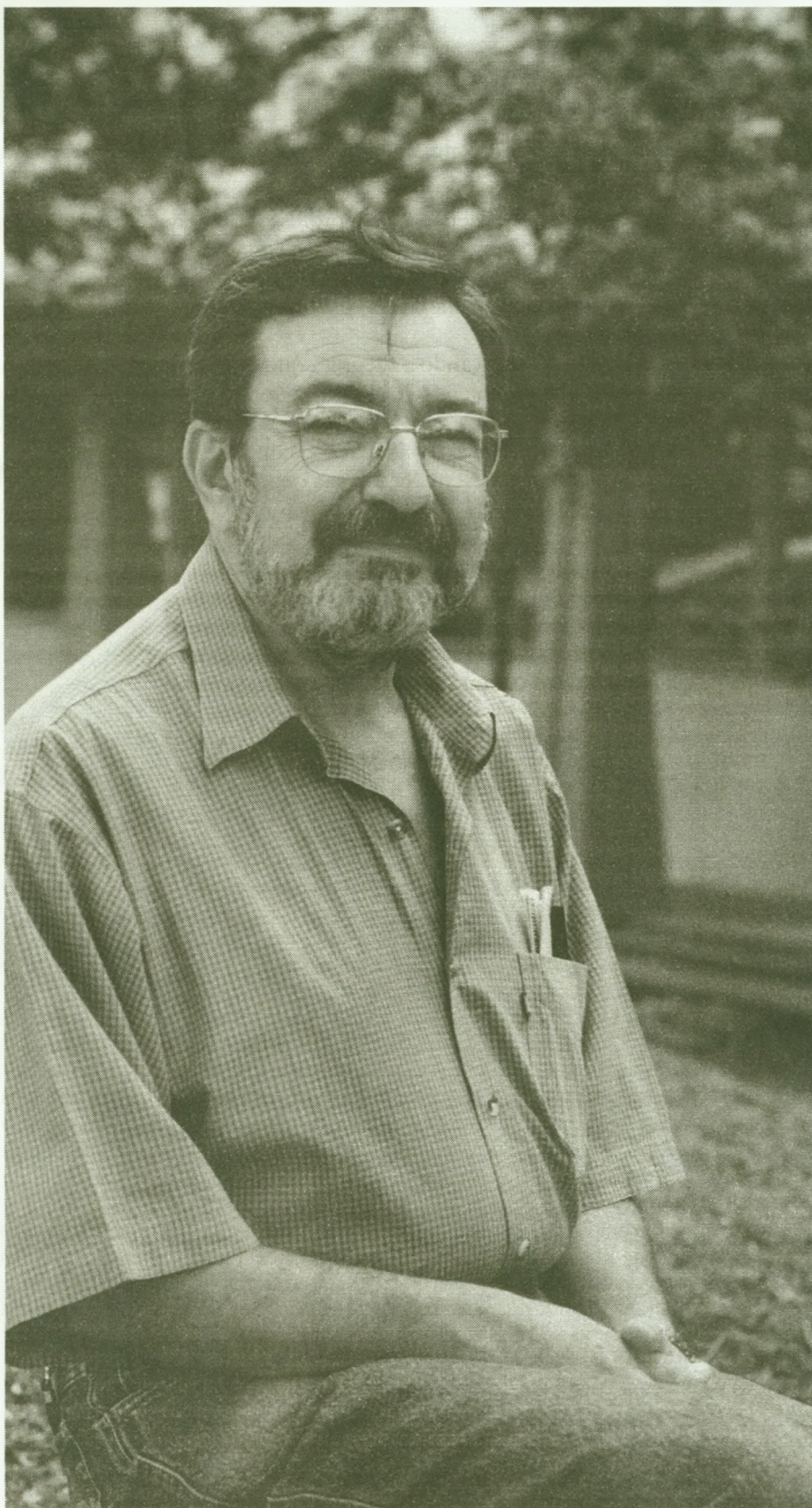
Embora a publicação pelo *Times* dê caráter novidadeiro ao assunto, o Partnership in Global Learning (Parcerias para a Aprendizagem Global) foi apresentado à Unicamp há mais de dois anos. "Houve um longo período de negociações até a adesão das instituições. Em março de 1999, levamos a discussão à Lucent Technologies, o que resultou na atual versão do projeto, aprovado em julho", informa o professor Helio Waldman, da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC). A Lucent contribuirá com US\$ 3 milhões em três anos, sendo 50% em orçamento e a outra metade em equipamentos (veja box nesta página).

Inicialmente, o objetivo é instalar uma infra-estrutura tecnológica de apoio à geração e transmissão de conteúdos. Em seguida, pretende-se aproveitar os recursos e a competência das universidades para o treinamento de professores de 2º grau no desenvolvimento do melhor conteúdo possível em ciências (biologia, química e física), além de temáticas de cunho comunitário. Outros segmentos de interesse são os de nível universitário, educação continuada, treinamento profissional e de executivos. O sucesso do projeto determinará o ritmo em que se dará sua extensão para os demais países latino-americanos, do Oriente Médio, Ásia e Europa, até torná-lo global.

"O financiamento do lado americano já começou, mas no Brasil faltam os acertos institucionais - como um plano de negócios que torne a rede auto-sustentável - e a própria implantação dos equipamentos", diz Waldman. "Ainda este ano esperamos fazer uma primeira chamada à comunidade docente, com intuito de formar uma carteira de projetos de geração de conteúdo e treinamento de professores".

Responsável pela fase de operacionalização, o pesquisador da FEEC adianta que o PGL estará aberto à participação de todas as unidades e deverá se articular com a política da Universidade na área de Educação a Distância. "Este é um

projeto internacional e interinstitucional em educação a distância, mas é apenas um dentre inúmeros em andamento na Unicamp. Vamos precisar da colaboração de todos os profissionais que atuam nesta área, pois o trabalho será bastante grande".



Waldman: universidades auxiliarão nos treinamentos de professores de 2º grau

Aposta de peso

Ao investir US\$ 3 milhões somente nos três primeiros anos do Partnership in Global Learning, a Lucent Technologies persegue uma estratégia de desenvolvimento de mercados globais para as tecnologias que produz, aproveitando as oportunidades oferecidas pela Lei de Informática no Brasil. Gigante na produção de equipamentos de telecomunicações, a empresa possui também seu braço filantrópico, a Lucent Foundation, tendo encontrado neste projeto uma oportunidade de ajudar a suprir as carências de uma área vital para a sociedade, a educação, e ao mesmo tempo buscar aplicações para as tecnologias que fabrica.

Entre os produtos mais avançados da Lucent estão as novas redes ópticas de comunicação. São redes que trafegam em terabits por segundo. O professor Helio Waldman explica, didaticamente, que 1 terabit equivale a 1.000 gigabits; 1 gigabit equivale a 1.000 megabits; e 1 megabit equivale a 1.000 quilobits. Ele cita como exemplo o sinal de voz telefônico, que pode ser transmitido em menos 64 quilobits por segundo: para ocupar 64 gigabits por segundo; seriam necessários 1 milhão de sinais de voz ao mesmo tempo; e 64 terabits comportariam 1 bilhão de sinais.

"Fica claro que redes de centenas de milhares de terabits são completamente desnecessárias para os serviços tradicionais de comunicação. Mesmo com todos os habitantes do planeta falando de uma vez, não conseguiríamos ocupar esta capacidade".

Para que um produto tão avançado seja utilizado em sua totalidade, é preciso estimular novos serviços de comunicação, como a oferta de vídeos e de ambientes que as pessoas busquem assiduamente. "Empresas como a Lucent procuram o que se chama de 'killer applications' (aplicações "assassinas", no jargão tecnológico). E uma de suas apostas é na educação", finaliza Waldman.

EXTENSÃO
EXTENSÃO

Cotuca estende as mãos

Colégio Técnico abriga iniciativas que causam impacto positivo na sociedade

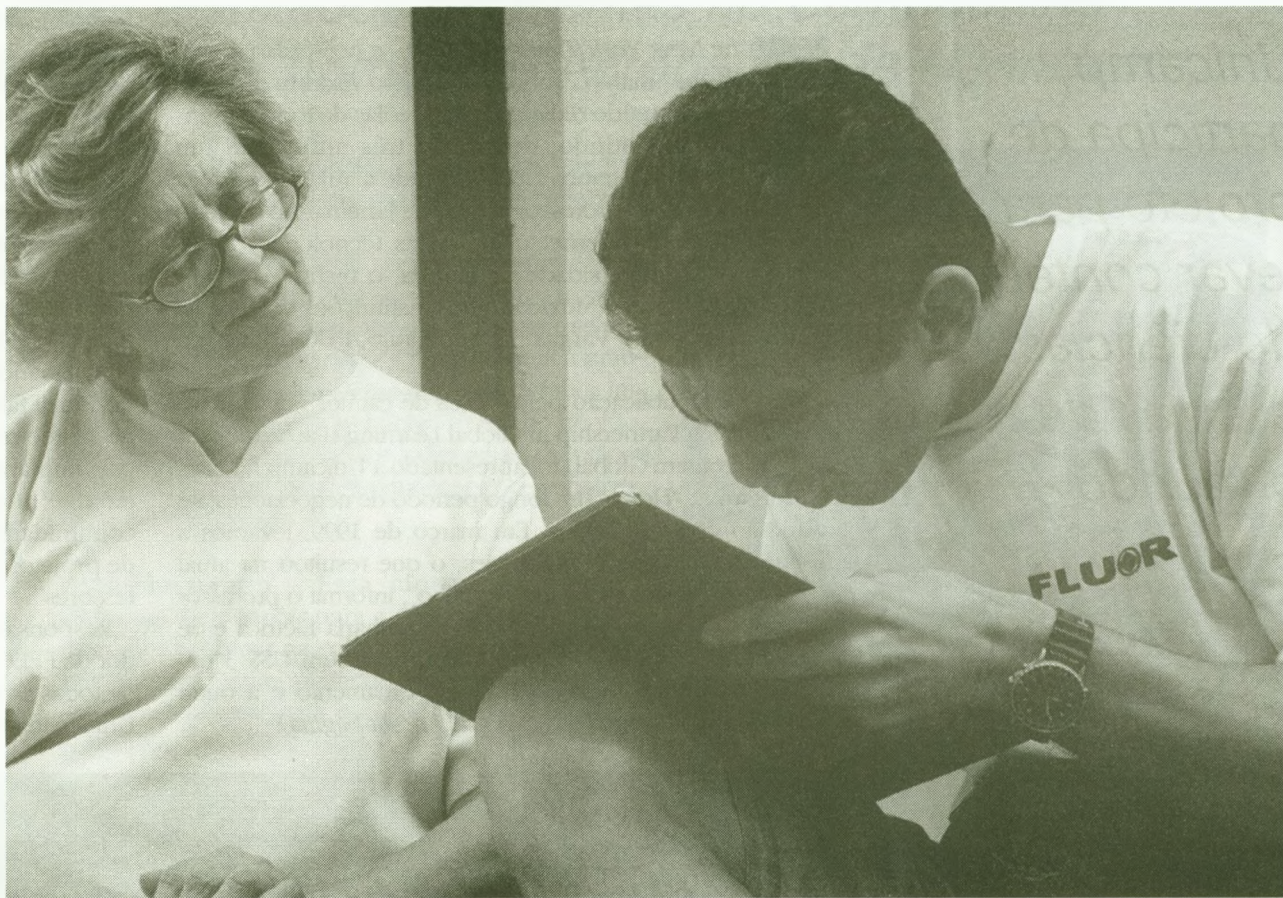
RAQUEL DO CARMO SANTOS

Escola de formação que há muitas décadas se dedica à qualificação de profissionais para a indústria, o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca), da Unicamp, agora se volta para a socialização de sua infraestrutura. Projetos voltados para a aproximação com a sociedade de maneira geral, desenvolvidos nas dependências do Colégio, têm alcançado grande repercussão e causado um impacto positivo junto à comunidade. "Estamos em consonância com a política atual da Universidade de reforçar sua importância junto à sociedade", explica o diretor do Cotuca, professor Michel Sadalla Filho. Para ele, esta vocação é algo natural e desejável para todos os setores da instituição.

Os projetos abrigados pelo Cotuca vão desde cursos oferecidos por entidades sem fins lucrativos até trabalhos desenvolvidos por professores da própria Universidade. No ano passado, por exemplo, o Cotuca acolheu um curso de qualificação para cerca de 345 jovens e desempregados promovido pela Secretaria de Estado e Relações do Trabalho (Sert) e coordenado pelo professor do Instituto de Geociências, Ruy Quadros. Tendo o Colégio como executor da parte educacional e envolvendo outras instituições, foram oferecidos cursos rápidos de Informática Básica e Instalações Elétricas. Cursos realizados pela Fundacentro, órgão ligado ao Ministério do Trabalho, no ano passado e também neste ano, em parceria com o Serviço de Segurança do Trabalho da Unicamp também constam do cronograma de atividades.

Há pelo menos dois semestres, os Colóquios de Atualização – organizados pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e pela Comissão Brasil 500 anos – também se constitui um exemplo claro do repasse do conhecimento para a população. Um público de 250 professores da rede pública de ensino assistem a palestras com renomados especialistas da Universidade.

Outro trabalho que está em seu segundo ano de atividades no Cotuca é o Projeto Educativo de Integração Social (PEIS) (*verbox abaixo*). Aprovada a sua instalação no Colégio por unanimidade na



Sônia Giubilei e o aluno José Roberto: ajudando adultos a se mobilizar pelos seus direitos

Congregação e coordenado pela professora da Faculdade de Educação, Sônia Giubilei, o PEIS envolve 120 alunos na faixa etária de 18 a 82 anos, que estão se preparando para prestar exames nos suplementos do Estado.

A campanha "Cultivando a Alegria", que a Organização Não-Governamental (ONG) Gira Sonhos realiza (*verbox ao lado*) em convênio com a Unicamp e a Secretaria Municipal de Educação, também está entre as atividades desenvolvidas nas dependências do Cotuca. Trata-se de um projeto para formação de "professores da alegria", termo proposto pelo escritor Rubem Alves. O curso é voltado para profissionais da rede pública de ensino e a idéia é despertar, nos alunos desses professores, reflexões sobre os valores humanos e o reconhecimento da importância da alegria e da auto-estima. No total, represen-

tantes de 25 escolas de educação infantil participam do curso de formação. Como o evento tem efeito multiplicador, equivale dizer que a campanha atinge cerca de 400 professores, alcançando, durante todo o ano cerca de 5.000 crianças na faixa etária entre 4 e 6 anos.

Gira Sonhos

A cada ano a ONG Gira Sonhos escolhe um tema para sua campanha "Cultivando Valores". Para este ano foi selecionado o tema Alegria. Estas campanhas visam facilitar e orientar educadores no desenvolvimento de atividades que promovam a vivência dos valores humanos dentro e fora da escola. Desde 1998, a ONG, formada por alunos, ex-alunos e professores da Unicamp e coordenada pelo professor da Unicamp Arnoldo De Hoyos, do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica, vem desenvolvendo projetos na área social de "Desenvolvimento de Espírito Comunitário" e na área educacional enfocando com temas que tenham como premissa cultivar valores, utilizando técnicas de sensibilização e conscientização. "São experiências muito compensadoras e percebemos o crescimento que isso produz nas crianças", comenta a educadora Claudia Pellegrino. Em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Unicamp, a ONG irá realizar ainda este semestre mais quatro encontros com professores da Rede Pública de Ensino de Campinas e Região.

Nesta primeira etapa da campanha, o tema a ser abordado é "Cultivando a Alegria com a Natureza". A partir disto, os professores aplicam o tema em sala de aula com os alunos. Dentro deste contexto, existe o chamado Grupo de Multiplicadores Arco-Íris ou de Apoio, que, como o próprio nome já diz, apoia as atividades do projeto. Em geral, são professoras que já participaram de outras campanhas e por isso fazem a ponte entre a escola e a ONG.

Semanalmente, elas se reúnem para discutir os próximos passos a serem implantados. No encontro, elas relatam as experiências vividas na semana e como isso está se refletindo no trabalho em sala de aula. Maria Inez Cardoso Petreca, do Emei do Bairro do Cafezinho, conta que as crianças se envolvem com muito com o tema. "Procuramos inserir o programa na matéria a ser dada".

"Este projeto complementa, interage e dá qualidade ao trabalho que desenvolvemos em sala de aula", defende Magda Lima Coelho, professora do Emei do Cambuí. Ela percebe que os valores, o respeito e a harmonia são rapidamente absorvidos pelos alunos.

O PEIS – no currículo, dignidade

O Projeto Educativo de Integração Social (PEIS) há cinco anos vem trabalhando não só com classes de alfabetização de jovens e adultos – parcela pouco lembrada pelas autoridades e mesmo pelos currículos das instituições de ensino superior – como também preparando-os para os exames supletivos de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e para os exames do ensino médio. O PEIS é coordenado pela professora Sônia Giubilei, da Faculdade de Educação, que há 18 anos trabalha com o tema. "A ênfase nas atividades é para que o jovem e adulto entenda-se como ser pensante e mobilize-se na luta por seus direitos, permeando o trabalho nas disciplinas-objeto dos exames: Português, Matemática, Biologia, História e outras", diz.

O projeto, que recebe alunos de várias cidades da região de Campinas, como Jaguariúna, Itatiba, Bragança Paulista, Vinhedo e Hortolândia, busca atender o aluno jovem/adulto em sala de aula. Assim, o professor pode dialogar com o educando numa troca constante do conhecimento, "uma vez que ambos aprendem e ensinam", comenta.

As aulas acontecem aos sábados, das 8 às 13h15. Todos os professores são voluntários e guardam vínculo com a Universidade – ou são formados, ou alunos de graduação e de pós. Eles são unânimes em afirmar que não se trata de filantropia. Para o doutorando em Física Júlio Crigimski Cezar, por exemplo, que leciona Matemática no PEIS há cinco anos, é uma forma de suprir necessidades tanto dele como de outras pessoas. "É obrigação", diz. Fernanda Keila Marinho, aluna do mestrado do Instituto de

Geociências e professora de biologia no PEIS, concorda. "Um trabalho como este faz parte de um compromisso que se estabelece dentro da Universidade", reforça.

Quanto aos alunos, a aprovação é geral. Maria das Dores dos Santos, de 54 anos, procurou o curso pois sentia dificuldades básicas como, por exemplo, pegar ônibus. Mas o curso lhe deu muito mais: ela ganhou segurança e firmeza em suas atitudes. "Estudar faz toda a diferença para uma pessoa", diz. No caso de Maria Soares Romualdo, 80 anos, a situação é peculiar. Dificuldades financeiras fizeram com que ela parasse de estudar aos 12 anos de idade e não tivesse mais condições de voltar aos bancos escolares. O principal incentivo, agora, veio da neta de 18 anos. "Gosto demais de aprender. Lamento não ter podido fazer isto antes".

Já Roberto Benedito de Oliveira, 45 anos, casado e dois filhos, encontrou no PEIS uma oportunidade de renovar seus conhecimentos. Ele já tinha o segundo grau, mas possui dificuldades em muitas questões de matemática e português. "Gosto do método. Sentimos motivados a não faltar", explica. Em sua opinião, os professores possuem uma didática toda especial, que prende a atenção. O projeto tem também total aprovação do meio acadêmico. O ex-secretário de Educação de Campinas e também professor da Unicamp, Newton Bryan, considera que a proposta do PEIS representa uma forma inteligente de resolver o "grande nó" que se estabelece na Universidade: aliar o trabalho acadêmico com a contribuição social de forma ampla. "Não só refletir, mas atuar diretamente, é um grande feito", elogia

BIENAL
BIENAL

A Universidade em livros

Confira a participação da Editora da Unicamp na 16ª Bienal do Livro

ANTÔNIO ROBERTO FAVA

Ocupando posição de destaque entre as editoras universitárias, a Editora da Unicamp participou este ano, pela sexta vez consecutiva, da 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, de 28 de abril a até 7 deste mês. Dividindo com outras editoras universitárias um estande de 816 m² — o segundo maior da Bienal — a Editora da Unicamp ocupou um espaço próprio de 80 m² e expôs sua produção de 595 títulos, entre eles 16 lançamentos, resultado de estudos, teses ou dissertações que viraram livro.

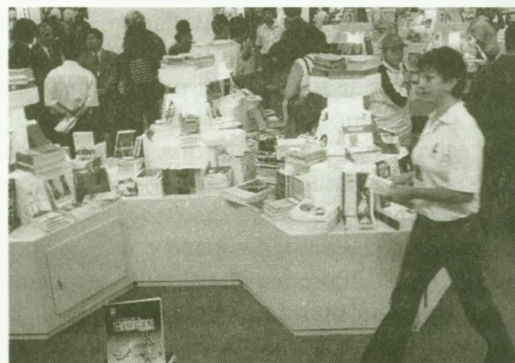
Esta foi a primeira vez na história da Bienal do Livro que as mais destacadas editoras universitárias do país estiveram reunidas no mesmo espaço — o estande do Livro Universitário. Juntas, colocaram à venda mais de três mil títulos por ano. A Editora da Unicamp integrou um *pool* que incluiu as editoras da USP, Unesp, UnB, UFMG, USC, de Bauru, UFRJ, Universidade Federal de Santa Maria, o Arquivo do Estado de São Paulo — que trabalham em regime de co-edição com a Imprensa Oficial — a editora da Fundação "Oswaldo Cruz" (Fiocruz) e a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu).

Para o diretor-executivo da Editora da Unicamp, Luiz Fernando Milanez, a Bienal representa, hoje, um evento consagrado de estímulo à leitura. "Pelo volume de livros que pusemos à venda, conseguimos alcançar o nosso objetivo, atribuição básica da Universidade, que é produzir e socializar conhecimentos. E isso o fazemos através do livro, divulgando a nossa produção. Além disso, nossas obras contam também um pouco da história científica e tecnológica da América Latina", diz Milanez. Na abertura do evento, o vice-reitor da Unicamp Fernando Galembek destacou o volume de lançamentos de alta qualidade e o fato de o livro universitário haver ocupado o segundo maior estande da Bienal. "Protagonizamos uma união fértil, das editoras universitárias e da Imprensa Oficial do Estado, que tem o poder de contribuir para o crescimento cultural, tecnológico, científico e artístico da sociedade brasileira", ressaltou.

As editoras universitárias lançam aproximadamente três mil títulos por ano, o que representa quase 14% do mercado editorial brasileiro. Desde 1987 existe a Associação Brasilei-



Estande universitário: editoras alta qualidade, visitada por cerca de um milhão de pessoas em um dos maiores eventos do gênero



ra das Editoras Universitárias (Abeu), que congrega 84 editoras e que inclui instituições de pesquisa como a Fiocruz, Embrapa, Ibama, Arquivo do Estado e outras. A maior parte delas com o tempo se profissionalizou, criando conselhos editoriais e projetos editoriais e de gerência em substituição a práticas pouco eficientes de administração e operação.

Para Milanez, é um privilégio fazer parte da Bienal, uma das mais importantes feiras editoriais da América Latina e a terceira maior do mundo — superada apenas pela Feira de Frankfurt e Book Expo America, dos Estados Unidos. "A feira também é uma fonte de bons negócios e ótima oportunidade para trocar informações, pois aqui circulam milhares de estudantes, livreiros, além de editores".

Como publicar

A Editora da Unicamp publicou recentemente o *Manual de Orientações — Como publicar pela Editora da Unicamp?*, destinado àqueles que queiram publicar suas obras pela editora da Universidade. A publicação traz as normas e os critérios para que o livro possa ser editado. A primeira fase refere-se ao preenchimento de uma ficha de identificação do autor e da obra, com todos os dados: nome da obra, tese, dissertação ou coletânea, por exemplo, e cópias de resumo da obra. A partir dessas informações, o Conselho Editorial, com base na política da Editora, deverá comunicar o interesse ou não pela publicação do livro. Segundo o diretor-executivo da Editora, Luiz

Fernando Milanez, cabe o Conselho Editorial definir a política para escolha e publicação da obra. É o Conselho que vai estabelecer as linhas editoriais e selecionar, depois de passar a obra para a consulta com os pareceristas, os títulos que deverão ir para o prelo.

Uma obra só será considerada aprovada para edição se obtiver pareceres favoráveis e aprovação do Conselho. O livreto trata ainda de critérios de como os originais deverão ser apresentados: identificação da obra, epígrafe, dedicatória, prefácio, orelha e os detalhes dos elementos textuais que o autor deverá observar e até mesmo as normas criteriosas de revisão.

Mimo's
Cestas e Flores



(19) 289-2734
AV. DR. ROMEU TÓRTIMA, 413 BARÃO GERALDO

Livraria e Papelaria
Angepel

Livros Didáticos Material Escolar e Escritório
Impressos Fiscais Xerox e Encadernação

Rua Horácio Leonard, 12 - B. Geraldo
Campinas
LIVRARIA E PAPELARIA TOLEDO
na Faculdade de Educação Unicamp
Fone: 788-5560

(019) 289-6303
289-6304

VALISE DE CRONÓPIO MUDOU:



LIVROS - CDs
GIBIS E REVISTAS

ROUPAS SEMI-NOVAS
E ACESSÓRIOS

MÓVEIS E TAPETES
ARTESANAIS

**E agora também
delicioso café-bar.**

Av. Albino J. B. Oliveira 1351 (próximo ao Banespa)
R. Maria Luiz B. Pattaro 132 (entrada opcional)
Fone (19) 289-0028

SEMINÁRIO
SEMINÁRIO

Notícias do descobrimento do Universo

O que teria acontecido a zero segundo da história do mundo? O professor Steiner, da USP, fala sobre as fascinantes fronteiras da astrofísica

Antes mesmo de os livros de ficção científica e do cinema povoarem nossa imaginação com histórias sobre viagens interplanetárias, seres extraterrestres e colisões de gigantes meteoros com a Terra, os mistérios do cosmo aguçam a curiosidade do homem e o levam a procurar, na imensidão do espaço, as respostas para sua própria existência terrestre. Das observações celestes a olho nu na Antiguidade às pesquisas com telescópios gigantes nesse início de novo milênio, o desenvolvimento da ciência vem permitindo ao homem desvendar o mistério que ainda o desafia: o momento da criação do Universo, na forma de uma grande explosão (o *Big Bang*), há 15 bilhões de anos. Mais do que isso: com o ferramental científico hoje disponível é possível prever até como tudo poderá terminar.

“Já conseguimos saber com segurança que aos três minutos de vida do Universo formaram-se gases como o hélio e o hidrogênio, resultantes da recombinação de partículas da energia gerada no instante da criação”, explicou o professor João Steiner, para uma deslumbrada platéia na Unicamp.

Antes disso, em uma medida de tempo que os cientistas chamam “ 10^{-13} segundos” – algo comparado a microssegundos depois do *Big Bang*, surgiu o tempo, o espaço e a energia. “Porém a chave para descobrir como é o Universo está na compreensão do que ocorreu a zero segundo, no início da evolução.”

Docente do Departamento de Astronomia do IAG (Instituto Astronômico e Geofísico) da USP e Secretário de Acompanhamento e Avaliação do Ministério da Ciência e Tecnologia, Steiner abordou a origem do Universo na palestra de abertura dos seminários CGU (Coordenadoria Geral da Universidade).

De acordo com ele, o extraordinário desenvolvimento da astrofísica nos últimos 100 anos permitiu não só derrubar teorias e mitos, contribuindo para localizar nosso planeta no

tempo e no espaço, como também colaborou para ampliar a capacidade de explicar cientificamente a origem e a estrutura do Universo.

Expansão eterna ou colapso? – O paradigma sobre o qual astrônomos e astrofísicos se debruçam atualmente é o do Universo em expansão. O que eles querem saber é a extensão desse fenômeno.

Até 1917, cientistas acreditavam na Teoria do Estado Estacionário, isto é, em um Universo similar em todas as direções e imutável no tempo. Porém nos anos 30 o astrônomo Edwin Powell Hubble demonstrou que as galáxias – como a Via Láctea, onde está localizada a Terra – estão se afastando uma das outras. Se isso ocorre é porque no passado, talvez há 10 bilhões de anos, deveriam estar cada vez mais próximas, concentradas em um único ponto, e se expandiram com o *Big Bang*.

A descoberta acidental da radiação de microondas do fundo do Universo, em 1964, também contribuiu para dar crédito à teoria do nascimento e expansão do Universo a partir do *Big Bang*. Segundo os rádio-astrônomos que a descobriram, a radiação – captada pelos aparelhos de televisão domésticos quando os canais sintonizados saem do ar – pode ser interpretada como o sinal eletromagnético remanescente do momento da criação.

“O que produziu o *Big Bang* é uma pergunta que provavelmente não poderemos responder”, pondera Steiner. Mas a ciência arrisca duas possibilidades para o destino do Universo a partir da expansão que a grande explosão provocou: ou continuará se expandindo para sempre ou vai parar, caso a atração gravitacional entre os corpos celestes se torne forte o suficiente para frear a expansão. Nessa hipótese, o Universo se contrairá e entrará em colapso, em um processo oposto ao de sua criação.

Viagem no tempo – Quando a ciência tiver certeza da expansão ou colapso da matéria, terá também fundamentos para explicar, finalmente, como é o Universo. Há dois modelos mais prováveis: se a tendência do Universo for continuar se expandindo para sempre, é porque ele é aberto e infinito; se o processo for de reversão, dizem os cientistas, o Universo é fechado, em forma de esfera, o que permitiria a uma espaçonave, que viajasse sempre em linha reta, voltar ao ponto de partida, em uma espécie de viagem no tempo.

“Não vamos descansar nunca no avanço da fronteira do conhecimento. Esse é o vício do cientista”, afirmou Steiner, ao comentar os esforços da astrofísica em desvendar os mistérios do cosmo.

Uma das frentes de atuação da ciência na busca de novas informações é o rastreamento de galáxias cada vez mais distantes por meio de grandes telescópios, com espelhos de oito metros de diâmetro.

O Brasil, conforme revelou, participa de dois projetos internacionais, o Gemini e o Soar, que utilizarão esse tipo de equipamento para estudar galáxias até 14 bilhões de anos-luz distante da terra. São três telescópios, um no Havaí e os outros nos Andes chilenos, que exigiram investimentos de US\$ 184 milhões e possuem qualidade de imagem dez vezes superior à do telescópio espacial Hubble.

Os resultados que poderão ser obtidos excitam os pesquisadores: até hoje 100 mil galáxias foram mapeadas. Com os novos telescópios eles esperam ser capazes de mapear até um milhão delas. (P.C.N.)



“Nebula Whirlpool” AURANDAO/INSE

A Terra, um grão de pimenta

A origem da astronomia praticamente se confunde com a da própria civilização humana. A partir da observação das estrelas, os chineses eram capazes de elaborar o calendário de um ano completo vários séculos antes do nascimento de Cristo. Também registravam em anotações confiáveis a passagem de cometas, meteoros e meteoritos. Babilônios, assírios e egípcios foram outros povos dotados de conhecimentos astronômicos na Era Pré-Cristã, capazes de prever a ordem dos movimentos dos

corpos celestes.

Das primeiras teorias na Antiguidade ao envio de sondas espaciais para encontrar formas de vida em outros planetas, o homem acreditou em diversos modelos do Universo. Por exemplo: a crença inicial que apontava a Terra como centro do Universo, o Geocentrismo, alterou-se quando Nicolau Copérnico propôs o modelo cosmológico heliocêntrico, baseado na centralização do Universo em torno do Sol.

A invenção dos grandes telescópios e os

avanços no campo da fotografia foram aliados decisivos na formulação das teorias que fizeram o homem abandonar definitivamente a posição central que imaginava ocupar no Universo.

Na verdade, nossa localização é insignificante. Uma simples analogia permite perceber o quanto microscópico é o nosso planeta. Se o Sol pudesse ser comparado ao tamanho de uma bola de futebol, a Terra teria o tamanho de um grão de pimenta.

EVENTO
EVENTO

A fonte que não seca

Livro mostra como o Brasil, cujo nome foi extraído de uma biomassa, pode usar a energia renovável para se destacar dentro da economia globalizada



Energia a partir dos resíduos da cana: aumento na sua utilização compensa diminuição de lenha e carvão

Aproximadamente 40% da energia primária consumida no Brasil vem do petróleo, 35% de hidrelétricas e 25% da utilização de materiais biológicos como lenha ou bagaço de cana – a biomassa. A iminente disseminação do gás natural no País (através do gasoduto vindo da Bolívia) embute o risco de predominância ainda maior do uso de combustíveis fósseis, com seus impactos, conhecidos e desconhecidos, ao meio ambiente. Além do que, são fontes que secam.

A crise energética não atingirá a humanidade hoje ou amanhã, mas é tão óbvia que a parte mais avançada do mundo político, econômico e científico vem dando especial atenção à criação de uma base política para o desenvolvimento sustentável. Os membros da União Européia e dos Estados Unidos já traçaram metas para o consumo variado e equilibrado de fontes de energia. E, nesta equação, tem peso crescente a produção de energia da biomassa, considerada a mais neutra em termos ambientais.

Industrial uses of biomass energy: The example of Brazil é um livro de autoria de Harry Rothman (da University of West of England) e Francisco Rosillo-Calle (do King's College), que traz uma visão de fora sobre as vantagens que o Brasil teria se implantasse uma política coerente para a produção de energia de biomassa. Publicada pela Taylor & Francis, de Londres, e lançada na Unicamp em 30 de março último, a obra também reúne trabalhos dos pesquisadores Luís Augusto Barbosa Cortez, da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) e colaborador do Núcleo Interdisciplinar de Planejamento Energético (Nipe), e Sérgio Valdir Bajay, do Departamento de Energia da FEM. (L.S.)

Conquistas e obstáculos

Harry Rothman afirma que nosso país tem uma chance única de se favorecer com a geração de energia de biomassa, em caso de competição na economia global, valendo-se das condições geográficas e climáticas particulares. O autor apresenta um balanço das conquistas já obtidas na área pelo Brasil e mostra os obstáculos a serem vencidos para a implantação do uso industrial desse tipo de energia, com investimentos em tecnologias modernas.

À crítica de que se exige muita biomassa para obtenção de pouca energia, o que eleva os custos de produção, Rothman retruca com o que chama de externalidades. “O petróleo, por exemplo, parece vantajoso, mas não entram em seu preço final a poluição atmosférica e os danos ambientais provocados por vazamentos como o da Baía da Guanabara. Ignorando essas externalidades, criamos um quadro em que a solução tecnológica ruim

aparenta ser a correta. Se calcularmos o custo verdadeiro, veremos que a capacitação técnica para o uso da biomassa é muito mais favorável”, argumenta o pesquisador inglês. Estima-se que o Brasil desperdiça pelo menos 15 milhões de toneladas/ano de resíduos florestais.

Apesar disso, Luís Cortez, da Unicamp, admite que o índice de 25% na produção de energia da biomassa no país é razoável - patamar manti-

do graças ao incremento do bagaço de cana para compensar a diminuição da lenha e do carvão. Ainda mais se este percentual for comparado à meta de 12% estabelecida na União Européia ou ao recurso utilizado pelos Estados Unidos, que dão importância estratégica para a adição de álcool de milho à gasolina. “Costumo realçar que, se somarmos todos os programas de energia renovável da Europa, não dá um Proálcool”, afirma o pesquisador do Nipe.

Presente no dia-a-dia da Unicamp



Fotos: Perri

FUNCIONÁRIO

Nossos sistemas tornam o seu trabalho mais rápido e eficiente



PROFESSOR

Nossos sistemas dão suporte às atividades de ensino e pesquisa



ALUNO

Nossos sistemas o acompanham da matrícula ao diploma

Graduação – Pós-Graduação – Comportamento Acadêmico e Dados Estatísticos – Empréstimo de Materiais Bibliográficos – Monografias Periódicos – Suarq – Oportunidades On-line – Bolsas PIBIC – Registro de Diplomas – SCS – Compras – Orçamento – Execução Orçamentária Finanças – Registro de Compra de Equipamentos de Informática – Protocolo – Patrimônio – Controle de Extintores

DOS – Divisão de Organização e Sistemas — Centro de Computação

www.ccuec.unicamp.br/dos/

MÍDIA
MÍDIA

Discriminação na Copa

ROBERTO COSTA

Ao mesmo tempo em que os olhares dos torcedores brasileiros estavam fixos na tela da televisão, dois anos atrás, para assistir aos jogos da Seleção Brasileira na Copa da França, o antropólogo Édison L. Gastaldo fazia uma leitura diferenciada do evento que se transforma em unanimidade nacional. Controle remoto nas mãos, três vídeos ligados, pilhas e pilhas de jornais e revistas, Gastaldo queria sentir a Copa pelo vértice dos anúncios publicitários. “Eu li a publicidade da Copa com olhar antropológico”, afirma, ao constatar que nesse processo pôde perceber a discriminação do negro e da mulher, a magia como instrumento de conquistas e o rebaixamento constante dos adversários do Brasil. Seu trabalho, “A nação e o anúncio — a representação do ‘brasileiro’ na publicidade da Copa do Mundo”, apresentado em fevereiro, foi a primeira tese de doutorado em Multimeios do Instituto de Artes (IA) da Unicamp.

Por quatro meses, 14 de março a 20 de julho de 98, antes e após a Copa vencida pela França — que aconteceu de 10 de junho a 12 de julho —, Édison Gastaldo catalogou 415 anúncios. Para cada peça organizou um fichário com descrição e palavras-chaves, passando num segundo momento a cruzar temas comuns. Com isso pôde construir pranchas com temas semelhantes. Paralelo a isso, percebeu ainda a predominância da temática da Copa no noticiário jornalístico em relação aos anúncios. Édison pensava antes de seu levantamento que a saturação dos veículos de mídia com a Copa se daria pela publicidade. Mas constatou que “nos principais telejornais a porcentagem de tempo dedicada à Copa é incomparavelmente maior que o tempo similar nos anúncios publicitários”. Basta ver que, no dia do jogo do Brasil com a Holanda, dos 41 minutos do Jornal Nacional, da TV Globo, 39 falavam da vitória do Brasil e os demais informavam a previsão do tempo. De 9 minutos publicitários, três eram referentes à Copa. “Neste dia não aconteceu mais nada no Brasil, pelo menos segundo o Jornal Nacional”, diz Gastaldo.

Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), com graduação em publicidade e mestrado em antropologia, ambos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Édison destaca o papel da publicidade como construtora e veiculadora de representações sociais. A figura do menino pobre, negro e bom de bola é clássica e uma constante nos anúncios daquele período. Contrastando a isso, a torcida, vista pela publicidade, compunha-se em sua maioria de brancos. Quando mostrado, o negro estava em segundo plano, desfocado, semelhante ao que se via na figura da mulher, também rebaixada pela publicidade. “Sorte que no Brasil não existe controle de natalidade de craques”, dizia um rodapé de jornal, veiculado pela Unimed.

Já quando a publicidade mostrava a família como foco de algum anúncio, também o negro estava fora. A predominância era de brancos. Do mesmo modo, a mulher ficava num segundo plano ou compo o cenário com alguma ação de serviço. “Só espero que a mamãe não traga o jantar agora”, mostrava um anúncio da Nintendo em que apareciam

As entrelinhas dos anúncios veiculados no mundial de futebol traziam preconceitos, superficialidade e alienação às pencas. Confira um trabalho que analisou muitos deles e verificou que, para as empresas e agências de publicidade, o estereótipo e o dinheiro vêm antes do amor pelo esporte



Gastaldo: negro e mulher discriminados pela publicidade

pai e filho à frente da televisão. Ainda nesta questão de gênero, a mulher ficava quase fora de cena numa propaganda que ressaltava o fato de que “o Brasil torce na frente de uma Philips”. No centro estavam quatro homens de braços erguidos e a mulher como figurante ao lado deles.

“Religião, magia e orixás estavam a serviço da vitória na Copa”, afirma o antropólogo gaúcho, que foi orientado em seu doutorado pelo professor Etienne Samain, do IA. A representação disso era clara: “Dê sorte para sua seleção. Borracha isola”, apregoavam as sandálias havaianas, entre outros indicativos como usar arruda na orelha ou bater na madeira.

Rebaixar o adversário, de forma pejorativa, foi outro recurso bastante usado nos comerciais da França. “Pela primeira vez os vikings vão pipocar”, brincou a pipoca Yoki. “Venha ver a laranja sendo espremida” era uma provocação aos holandeses, assim como se saborearam as empanadas chilenas, o bacalhau da Noruega ou outros produtos. “Consumiu-se muita laranja antes do jogo da Holanda”, relembra Gastaldo. Dentro do espírito da publicidade da Copa, Édison Gastaldo viajou em março para a Inglaterra, onde faz o pós-doutorado na Universidade de Manchester. Seu pano-de-fundo continua sendo a publicidade, mas agora vai trocar o futebol pela Olimpíada da Austrália.